



(Marinha dos EUA, 1º Ten Matthew Stroup)

Comandante de pelotão da Força de Segurança da Equipe de Reconstrução Provincial de Farah provê segurança em telhado durante reunião com a liderança local, em 25 Fev 13, na Cidade de Farah, Afeganistão. Representantes civis e militares da Equipe de Reconstrução Provincial visitavam o recém-construído centro de orientação da família, operado pela entidade Voice of Women, na Cidade de Farah, uma organização não governamental administrada por afegãos, para discutir questões de gênero, inspecionar o local e monitorar a programação.

A Continuidade e a Mudança

O Conceito Operacional do Exército dos EUA e um Pensamento Claro sobre a Guerra do Futuro

Gen Div H.R. McMaster, Exército dos EUA

Antever as demandas de futuros conflitos armados requer compreender continuidades na natureza da guerra, assim como entender as mudanças no caráter dos conflitos armados.

— *The U.S. Army Operating Concept*

Os conhecimentos especializados são um dos pilares da profissão militar, sendo a capacidade de pensar com clareza sobre a guerra um fator fundamental para desenvolvê-los ao longo da carreira. Os comandantes de pequeno escalão precisam entender a guerra para explicar a seus subordinados como as ações de sua fração contribuem para o cumprimento dos objetivos da campanha. Os oficiais mais antigos se valem de seu entendimento da guerra para fornecer o melhor assessoramento militar à liderança civil. Todo comandante do Exército usa sua visão em relação a futuros conflitos como base para treinar seus subordinados e Unidades. Entende, visualiza, descreve, direciona, lidera e avalia as operações com base, em parte, em seu entendimento sobre as continuidades na natureza da guerra e mudanças no caráter do combate.

Não entender a guerra com base em uma reflexão sobre continuidades e mudanças gera o risco sobre o

qual alertou o teórico prussiano do século XIX, Carl von Clausewitz: enxergar a guerra como “algo autônomo” em vez de “um instrumento da política”, não compreender “em que tipo de guerra est[amos nos] envolvendo” e tentar transformá-la “em algo que seja alheio à sua natureza”¹. Nos últimos anos, muitas das dificuldades encontradas no processo decisório estratégico, no planejamento operacional, na instrução e no desenvolvimento da força resultaram de uma desatenção às continuidades na natureza da guerra. A melhor forma de evitar a tendência de tentar transformar a guerra em algo alheio à sua natureza é entender suas quatro principais continuidades e como a experiência dos Estados Unidos da América (EUA) no Iraque e no Afeganistão confirmaram sua importância.

Primeiro, a Guerra é Política

As tropas do Exército são preparadas para fazer mais que combater e derrotar inimigos. Precisam ter a capacidade de converter objetivos militares em resultados políticos duradouros.

— *The U.S. Army Operating Concept*²



(Cb David Devich, 55ª Cia Com)

Um soldado da tropa especial afgã e um militar das Forças Especiais dos EUA designados para a Força-Tarefa Combinada e Conjunta de Operações Especiais-Afeganistão orientam militares do Exército Nacional Afegão durante combate armado com insurgentes no Distrito de Gelan, Província de Ghazni, Afeganistão, 08 Fev 14.

Após a Guerra do Golfo de 1991, o pensamento sobre Defesa caracterizou-se pela predominância de teorias que consideravam as operações militares como fins em si próprios, e não como componentes essenciais de campanhas que integravam a ampla gama de esforços necessários para cumprir os objetivos destas. Os defensores do que se tornou a ortodoxia da “Revolução em Assuntos Militares” (RAM) previram que avanços nas tecnologias de vigilância, de comunicações e da informação, aliados a armas de ataque de precisão, sobrepujariam qualquer adversário, produzindo vitórias rápidas, econômicas e eficientes. A guerra foi reduzida a um exercício de seleção de alvos³. Essas ideias extravagantes dificultaram esforços no Afeganistão e no Iraque, quando planos de guerra irrealistas e pouco desenvolvidos foram confrontados com realidades políticas imprevisíveis e subestimadas. Em particular, as forças da coalizão não consideraram, adequadamente, como consolidar os ganhos militares após o colapso do regime talibã no Afeganistão e do regime de Saddam Hussein no Iraque. No Afeganistão, após ajudarem a derrubar o regime talibã, as forças “por procuração” ou aliadas (*proxy*) e seus líderes minaram os esforços de construção do Estado. As milícias da era dos *mujahedín* buscaram seus próprios interesses, disputando poder e recursos dentro das instituições nascentes. No Iraque, políticas que exacerbaram os medos da minoria composta pelas populações sunitas árabe e turcomana fortaleceram a insurgência, conforme milícias islamistas xiitas e forças aliadas iranianas subverteram o governo e as forças de segurança. No Afeganistão e no Iraque, a disputa política por poder, recursos e sobrevivência gerou violência e enfraqueceu instituições essenciais para a sobrevivência do Estado.

Com essas lições em mente, o recém-publicado *Army Operating Concept*, ou “Conceito Operacional do Exército do EUA”, observa que a produção de “resultados sustentáveis na guerra requer forças terrestres para derrotar organizações inimigas, estabelecer a segurança e consolidar ganhos”⁴. As tropas do Exército são preparadas para reforçar e integrar os esforços de parceiros como um componente fundamental da concepção da campanha⁵. Os profissionais militares devem ser particularmente céticos em relação a ideias e conceitos que separem a guerra de sua natureza política e prometam vitórias rápidas, econômicas e eficientes mediante a aplicação de tecnologias militares avançadas.

Segundo, a Guerra é Humana

As forças convencionais e de operações especiais trabalham juntas para entender, influenciar ou induzir a percepções e comportamentos humanos. Os comandantes em todos os escalões do Exército entendem as influências cognitivas, informacionais, sociais, culturais, políticas e físicas que afetam o comportamento humano e a missão.

— *The U.S. Army Operating Concept*⁶

As pessoas combatem hoje pelas mesmas razões fundamentais identificadas pelo historiador grego Tucídides há quase 2.500 anos: medo, honra e interesse⁷. Contudo, a ortodoxia da RAM desumanizou e despolitizou a guerra. No Iraque e no Afeganistão, foi essencial compreender e lidar com os medos, interesses e senso de honra nas comunidades, a fim de reduzir o apoio a organizações insurgentes e terroristas. No Afeganistão, as forças da coalizão tiveram dificuldades em entender os determinantes locais do conflito e da instabilidade. Às vezes, as forças da coalizão, inadvertidamente, capacitaram atores predatórios e criminosos, fomentaram ordens políticas e econômicas exclusivistas e provocaram, com isso, o antagonismo de importantes segmentos da população. Os talibãs, recuperando-se em áreas seguras no Paquistão, retrataram-se como os padrinhos e protetores das partes prejudicadas no Afeganistão. No Iraque, uma compreensão inadequada dos determinantes tribais, étnicos e religiosos do conflito no âmbito local levou, às vezes, a operações militares (como incursões contra redes inimigas suspeitas) que exacerbaram medos ou ofenderam o senso de honra das populações de modo a fortalecer a insurgência. Mais tarde, em ambos os conflitos, forças do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA envolvidas na “escalada de tropas” em regiões que haviam se tornado áreas seguras dos inimigos passaram a entender, com o tempo, os fatores determinantes da violência local, atuando, muitas vezes, como mediadores entre a população e as forças militares e de segurança locais. Por fim, uma governança e forças de segurança mais inclusivas e legítimas ajudaram as tropas dos EUA e do Iraque a induzir as comunidades iraquianas a concessões políticas temporárias, que retiraram o apoio aos grupos armados ilegais que estavam perpetuando a violência e a instabilidade.

As considerações culturais, sociais, econômicas, religiosas e históricas que abrangem os aspectos humanos

da guerra devem servir de base não só ao planejamento em tempo de guerra, como também à nossa preparação para futuros conflitos armados. Organizações terroristas e insurgentes por todo o Oriente Médio, África, América Latina e Ásia empregam a violência e a propaganda para incitar ressentimentos antigos, intensificar identidades nacionalistas ou sectárias e jogar uma comunidade contra a outra. Essas organizações crescem nos ambientes caóticos associados com conflitos comunitários, à medida que buscam controlar territórios e populações. Alguns conflitos armados que se encaixam nesse padrão atualmente incluem os de Mali, Líbia, Nigéria, Iêmen, Somália, República Centro-Africana, Síria, Iraque, Líbano, Afeganistão, Paquistão, Tailândia e Filipinas. Para que as forças militares possam evitar erros, consolidar ganhos e privar os inimigos do apoio popular, é essencial entender as circunstâncias especiais e experiências recentes das populações em meio às quais as guerras são conduzidas.

Compreender os aspectos humanos da guerra prepara comandantes, militares e unidades para operações em ambientes de complexidade e constante perigo. O preparo moral, ético e psicológico para o combate é fundamental para formar militares resilientes e unidades coesas, comprometidos com a ética profissional do Exército. É improvável que conceitos ou planos que negligenciem o aspecto humano da guerra produzam resultados positivos duradouros. Não atentar para as continuidades políticas e humanas da guerra pode fazer com que se confunda atividade militar com progresso.

Terceiro, a Guerra é Incerta

Ainda que avanços tecnológicos continuem a influenciar o caráter do combate, o efeito das tecnologias em terra não é tão significativo quanto em outros domínios, em virtude da geografia, interação com inimigos adaptáveis, presença de não combatentes e outras complexidades ligadas às continuidades da guerra.

—*The U.S. Army Operating Concept*⁸

A principal premissa da RAM era que o conhecimento seria a chave para a vitória na guerra do futuro. Informações de inteligência quase perfeitas possibilitariam operações militares precisas que, por sua vez, produziriam uma vitória rápida. No Afeganistão e no Iraque, o planejamento baseado em projeções lineares não levou em conta as adaptações do inimigo ou a evolução dos conflitos de formas que seriam difíceis de prever

inicialmente. Os profissionais do Exército reconhecem a incerteza da guerra por estarem atentos a seus aspectos políticos e humanos, sabendo, com base na história e na experiência, que ela sempre envolve uma interação contínua com inimigos resolutos e adaptáveis.

Essa contínua interação com inimigos e adversários ajudou a determinar o curso dos acontecimentos nos conflitos prologados no Iraque e no Afeganistão. Os planos da coalizão nem sempre acompanharam o ritmo das mudanças do caráter daqueles conflitos. No Afeganistão, as reduções de tropas previstas tiveram continuidade mesmo quando o Talibã obteve controle de territórios e populações nas regiões sul e leste, entre 2004 e 2009. No Iraque, a estratégia permaneceu centrada em uma rápida transferência de responsabilidade para as Forças de Segurança do Iraque, ainda que uma grande parcela delas houvesse se envolvido em uma guerra civil sectária. Alguns aspectos do esforço militar da coalizão, como a inexistência de reservas operacionais ou a prática de anunciar alterações da missão e do efetivo com anos de antecedência, revelam uma tendência a presumir que nossos planos determinarão o futuro curso dos acontecimentos e que o progresso, na guerra, seja linear e previsível.

O documento *Army Operating Concept* enfatiza o princípio da adaptabilidade e a necessidade de que os comandantes “avaliem a situação continuamente, desenvolvam soluções inovadoras para os problemas e permaneçam ágeis mental e fisicamente para tirar proveito de oportunidades”⁹. Redefine, ainda, o princípio de profundidade para ressaltar a necessidade de “pensar à frente e determinar como conectar os objetivos táticos e operacionais aos objetivos estratégicos”¹⁰.

Quarto, a Guerra é uma Disputa de Vontades

Ainda que a capacidade de moldar ambientes de segurança mediante a ameaça de ação punitiva continue sendo importante, as tropas do Exército conduzem ações positivas essenciais para tranquilizar aliados, influenciar partes neutras e dissuadir adversários.

—*The U.S. Army Operating Concept*¹¹

Clausewitz definiu a estratégia como um ato contínuo da vontade, necessário para dominar as terríveis incertezas da guerra. A estratégia começa com o estabelecimento de um objetivo claramente



(Cb Ken Scar, 7º Dist Mv Com Soc)

Policiais afegãos do Distrito de Naka, incluindo o chefe de polícia, apontam um combatente inimigo avistado a cerca de 500 m para integrantes da 172ª Brigada de Infantaria, 20 Set 13.

definido. Os objetivos estratégicos no Afeganistão e no Iraque foram, por vezes, ambíguos. Tal ambiguidade deveu-se, em parte, à crença de que é possível obter resultados aceitáveis na guerra sem um compromisso com a vitória. Sendo a guerra uma disputa — uma disputa que envolve a vida ou morte e em que cada lado tenta sobrepujar o outro —, estabelecer outros objetivos que não o da vitória pode ser contraproducente e ineficiente. A vitória é psicológica e moral, além de física. Para pôr término à guerra, como observou Clausewitz, é preciso persuadir o inimigo de que ele foi derrotado. Contudo, vencer na guerra não requer uma capitulação incondicional nem uma suspensão de restrições sobre a força aplicada, ao estilo do Gen MacArthur. Raramente, a vitória será algo tão simples quanto acompanhar o avanço de tropas em uma carta. O que ela realmente requer é uma determinação racional de alcançar um resultado sustentável — normalmente, um resultado político — coerente com interesses vitais.

No final de 2001, o regime talibã entrou em colapso, em grande medida porque todos os afegãos estavam convencidos da inevitabilidade de sua derrota. Os talibãs se recuperaram depois de 2004, não apenas por receberem ajuda da Al Qaeda e de organizações de Inteligência estrangeiras em bases de apoio no Paquistão, mas também por terem semeado a dúvida nas mentes dos afegãos, especialmente os habitantes das regiões sul e leste, quanto à capacidade e disposição do governo e das Forças da coalizão para impedir seu retorno. Por vezes, tanto no Afeganistão quanto no Iraque, dúvidas quanto à disposição dos EUA e parceiros a consolidar ganhos e manter compromissos no longo prazo e em suficiente escala para vencer, não só incentivaram os inimigos, como também semearam dúvidas entre elementos amigos e neutros.

Evidentemente, vencer na guerra não é apenas uma tarefa militar. A obtenção de resultados sustentáveis coerentes com interesses vitais é uma tarefa intrinsecamente civil-militar, que requer planejamento e

execução integrados de iniciativas políticas, diplomáticas, militares, econômicas, informacionais, de Inteligência e, cada vez mais, de segurança pública e Estado de Direito. O documento *Army Operating Concept* destaca o papel da Força no fornecimento de capacidades básicas que permitam aos EUA projetar o poder nacional e “ajudar a integrar e sincronizar os esforços de vários parceiros”¹².

Para lidar com o que Clausewitz descreveu como as forças naturais cegas da “violência, do ódio e da inimizade” que desafiam a vontade, o profissionalismo e o caráter moral dos militares e das Unidades, o *Army Operating Concept* enfatiza o desenvolvimento de militares resilientes, comandantes adaptáveis e Unidades coesas, capazes de operar de maneira efetiva e moral em ambientes de incerteza e constante perigo.

As Quatro Falácias da Guerra do Futuro

Pensar claramente sobre futuros conflitos armados requer que se considerem ameaças, inimigos e adversários, missões previstas, novas tecnologias, oportunidades para utilizar as capacidades existentes de novas formas e observações históricas e lições aprendidas.

—*The U.S. Army Operating Concept*¹³

O que os dirigentes militares e civis aprendem com base na experiência recente é importante porque tais lições influenciam o planejamento operacional e o desenvolvimento da força. Como observou Williamson Murray:

É um mito a ideia de que as organizações militares costumam ter um mau desempenho em cada nova guerra por haverem estudado a última em demasiado detalhe; nada poderia estar mais longe da verdade. O fato é que as organizações militares, de modo geral, estudam aquilo que lhes deixam satisfeitas consigo mesmas, não as desagradáveis lições de conflitos passados. O resultado é que, com frequência, as Forças Armadas precisam reaprender em combate — e, em geral, com um custo bastante alto — as lições que estavam evidentes no final do conflito anterior¹⁴.

Os esforços para aprender e aplicar as lições de conflitos armados recentes que sejam coerentes com as continuidades na natureza da guerra serão sempre

contestados de alguma forma. Isso se deve ao fato de quatro falácias, que retratam a guerra do futuro como sendo fundamentalmente diferente até das experiências mais recentes, haverem se tornado amplamente aceitas. Essas falácias baseiam-se em expectativas irrealistas quanto à tecnologia e na crença de que as guerras do futuro serão fundamentalmente diferentes das guerras atuais e passadas. Essas falácias são perigosas por ameaçarem condenar as Forças Armadas dos EUA a repetir erros e a desenvolver Forças conjuntas mal preparadas para futuras ameaças à segurança nacional.

A falácia “vampiro”. A primeira dessas falácias é tal qual um vampiro: parece impossível matá-la. Ressurgindo a cada nova década, aproximadamente, sua última manifestação foi a RAM nos anos 90. Conceitos com títulos chamativos, como “choque e pavor” e “operações decisivas rápidas”, prometiam vitórias rápidas, econômicas e eficientes nas guerras do futuro. As tecnologias da informação e de comunicações forneceriam “conhecimentos dominantes sobre a área de operações”¹⁵. Por serem as primeiras no local, as tropas do Exército “veriam primeiro, decidiriam primeiro, atuariam primeiro e concluiriam de forma decisiva”¹⁶. Os que argumentaram que esses conceitos eram incompatíveis com a natureza da guerra foram repudiados e acusados de estarem presos a raciocínios antiquados e não terem imaginação.

A falácia “vampiro” é bem mais antiga que a ortodoxia da RAM. Manifestações anteriores remontam à teoria do bombardeio estratégico dos anos 20. Um ponto em comum ao longo de toda aquela época foi a crença de que a tecnologia e a potência de fogo bastariam para produzir resultados estratégicos duradouros na guerra. Hoje, o “vampiro” está de volta, prometendo uma vitória rápida obtida a distância, com base em tecnologias ainda melhores de vigilância, informação, comunicações e de ataque de precisão. Embora se baseie em um conjunto de capacidades militares vitais para a defesa nacional, essa falácia é insuficiente para resolver o complexo problema da guerra do futuro. Essa falácia confunde atacar organizações inimigas com estratégia. Embora possam abalar organizações inimigas, os ataques a distância muitas vezes estimulam os inimigos, em vez de dissuadi-los, a menos que haja Forças terrestres convincentes disponíveis para produzir um resultado¹⁷.

É por essas razões que o *Army Operating Concept* enfatiza que o poder militar norte-americano é o poder



(Rafiq Maqbool, Associated Press)

Policiais atacam tentam controlar uma multidão durante comemoração do Nowruz, início da primavera e tradicional ano novo celebrado no Afeganistão, Irã e outros países da Ásia Central, Cabul, Afeganistão 21 Mar 10.

conjunto. Por exemplo, as forças do Exército tornam os fogos conjuntos mais efetivos por compensarem os esforços do inimigo em evitar a detecção (ex.: dispersão, ocultamento, misturar-se com as populações civis e dissimulação). Ao pôr em risco valiosos meios dos inimigos, as Forças do Exército podem obrigá-los a se revelarem, ao se concentrarem para defender tais meios. Em suma, as tropas do Exército, operando como componentes de Forças conjuntas, geram *múltiplos dilemas* para o inimigo.

A falácia “A Hora Mais Escura”. Da mesma forma que a falácia “vampiro”, a falácia “A Hora Mais Escura” [referência ao filme, cujo título original é “Zero Dark Thirty” — N. do T.] eleva uma importante capacidade militar, a incursão, ao nível de estratégia¹⁸. A capacidade de conduzir incursões contra organizações terroristas ou insurgentes em rede é retratada como um substituto, em vez de complemento, às capacidades convencionais das Forças conjuntas. Por serem operações de curta duração, propósito limitado e retirada planejada, as incursões não são, com frequência,

capazes de afetar os determinantes humanos e políticos de um conflito armado ou de gerar suficiente avanço em direção ao atingimento de resultados sustentáveis e coerentes com interesses vitais. À semelhança dos ataques de precisão, as incursões muitas vezes fortalecem, em vez de dissuadir, o inimigo, deixando populações vulneráveis não só as ações deste último, mas também à sua propaganda e desinformação. Pelas razões citadas, o *Army Operating Concept* propõe combinações dinâmicas de Forças-tarefas combinadas e Forças de Operações Especiais, para fornecer *múltiplas opções* ao comandante da Força conjunta, assim como tropas do Exército capazes de derrotar organizações inimigas e consolidar ganhos.

A falácia “Reino Selvagem”. A falácia “Reino Selvagem” requer uma explicação para as gerações mais jovens. Nos anos 60, todo domingo à noite, era comum as famílias norte-americanas com crianças pequenas assistirem ao programa de televisão “Reino Selvagem” [conhecido por “Mutual of Omaha’s Wild Kingdom” nos EUA — N. do T.]. O apresentador,



(Força Aérea dos EUA, 1º Sgt Eric Petosky)

Pessoal fornece informações de comando e controle no 612º Centro de Operações Aéreas e Espaciais, Base Aérea de Hanscom, Massachusetts, 16 Fev 10.

Marlin Perkins, anunciava o tema e fazia comentários ao longo do programa, mas raramente chegava perto de animais perigosos. Normalmente, deixava toda situação de contato próximo com animais selvagens a cargo de seu assistente, Jim Fowler. Nesse tipo de falácia, as Forças Armadas ocidentais assumem o papel de Marlin Perkins, deixando que forças aliadas (ou “por procuração”) atuem como Jim Fowler e conduzam o combate no terreno. Não há dúvida de que as missões de assistência a Forças de segurança, de defesa interna estrangeira e de assessoria de combate aumentarão em importância para a segurança nacional. É difícil imaginar futuras operações que não exijam que as forças do Exército operem com vários parceiros. Contudo, essa dependência central em relação a forças aliadas é, muitas vezes, problemática devido a capacidades insuficientes ou falta de determinação com base em interesses conflitantes.

Como as duas anteriores, esta falácia confunde uma importante capacidade com estratégia de defesa. Embora identifique as operações especiais como uma competência essencial do Exército e a assistência a Forças de segurança como uma capacidade de primeira ordem, o *Army Operating Concept* também reconhece que as Forças do Exército devem não apenas operar com diversos parceiros, mas também estar preparadas para exercer influência e convencê-los de que as ações ou reformas são de seu interesse¹⁹.

A falácia “RSVP”: Por último, a quarta falácia resolve o problema da guerra do futuro com a decisão de não se envolver com o conflito armado em geral ou tipos específicos, como o combate terrestre. O problema fundamental com essa falácia é que ela não considera devidamente os inimigos durante as guerras ou os adversários entre elas. Com frequência, é a guerra que nos escolhe e não o inverso. Além disso, a aplicação de capacidades exclusivamente a distância a problemas complexos em terra durante a guerra deixa o processo decisório nas mãos do inimigo. Caso as Forças Armadas ocidentais não possuam Forças conjuntas de prontidão, capazes de operar com suficiente

escala e duração para vencer, é provável que os adversários se fortaleçam e que a dissuasão fracasse. Como observou George Washington em seu primeiro discurso sobre o Estado da União: “Estar preparado para a guerra é um dos meios mais efetivos de preservar a paz”²⁰.

As tropas do Exército em prontidão desempenham um papel vital na prevenção de conflitos, por comunicarem o comprometimento dos EUA e permanecerem capazes de gerar resultados. São particularmente valiosas para dissuadir os que possam se sentir tentados a conduzir a guerra limitada para cumprir objetivos limitados. Isso se deve ao fato de que o posicionamento avançado de tropas terrestres efetivas faz com que a agressão imponha um custo tão alto que o agressor não esteja disposto a pagar, e o impede de agir como a Rússia na Ucrânia — apresentando à comunidade internacional um fato consumado, mas descrevendo suas reações como sendo parte de uma escalada.

Além disso, à medida que a liberdade de movimento e de ação da Força conjunta nos domínios marítimo, aéreo, espacial e cibernético ficar mais disputada, o valor dissuasório das tropas terrestres se tornará mais importante. As Forças terrestres que operem em áreas como o Mar do Sul da China ou Golfo Pérsico podem ter de controlar territórios não apenas para impedir seu uso pelo inimigo, mas também para projetar poder a partir do domínio terrestre para vários outros domínios, a fim de restringir a liberdade de

ação do inimigo e preservar a liberdade de movimento da Força conjunta no mar, ar, espaço e ciberespaço.

Como Pensar Claramente sobre a Guerra e o Futuro do Combate

Mudanças no panorama geopolítico ocasionadas pela disputa pelo poder e recursos influenciam o caráter do conflito armado. Essas mudanças, e a violência com elas relacionada, ocorrem mais rapidamente que no passado devido a avanços tecnológicos, à proliferação das informações e à respectiva maior velocidade da interação humana.

—*The U.S. Army Operating Concept*²¹

As falácias persistem, em grande medida, por definirem a guerra do modo como talvez se queira que ela seja. Preparar as tropas do Exército para operar como parte de equipes conjuntas, interorganizacionais e multinacionais com o objetivo de prevenir conflitos, moldar ambientes de segurança e, se necessário, vencer na guerra é algo que requer um pensamento claro. Os profissionais do Exército dos EUA talvez devam começar por rejeitar falácias que sejam incompatíveis com as continuidades na natureza da guerra, ao mesmo tempo que consideram mudanças no caráter do combate.

Para entender a continuidade e a mudança, é difícil oferecer algo melhor que a abordagem apresentada no influente trabalho do historiador Sir Michael Howard,

em 1961, sobre como os profissionais militares devem desenvolver o que Clausewitz descreve como suas próprias “teorias” da guerra²². Primeiro, “estudar de maneira ampla”. Observe a forma pela qual a “guerra evoluiu no decorrer de um longo período histórico”. Em seguida, “estudar em profundidade”. Estude campanhas, analisando-as detalhadamente, consultando fontes originais e aplicando várias teorias e enfoques interdisciplinares. Isso é importante, Howard observa, porque, à medida que o “contorno bem definido se desfaz”, podemos “vislumbrar a confusão e o horror da experiência real”. Por fim, “estudar em contexto”. As guerras e o combate devem ser compreendidos no contexto de suas dimensões social, cultural, econômica, humana, moral, política e psicológica, porque “as raízes da vitória e da derrota devem ser buscadas, muitas vezes, longe do campo de batalha”. À medida que considerem a guerra de maneira ampla, em profundidade e em contexto, os profissionais do Exército poderão refletir sobre mudanças e continuidades em quatro áreas: ameaças; missões; tecnologia; e história e lições aprendidas em operações recentes.

Ameaças, Inimigos e Adversários

Inimigos diversos empregarão estratégias tradicionais, não convencionais e híbridas para ameaçar a segurança e os interesses vitais dos EUA.

—*The U.S. Army Operating Concept*²³

Conceito Operacional do Exército dos EUA Princípios Básicos para o Desenvolvimento Tecnológico

O Exército dos EUA trabalha junto a parceiros conjuntos, à indústria, a aliados e a outras importantes partes interessadas para desenvolver as futuras capacidades da Força levando em consideração os seguintes princípios básicos tecnológicos.

- ◆ Enfatizar a integração da tecnologia com os militares e equipes
- ◆ Simplificar sistemas e integrar a instrução de militares em seu projeto
- ◆ Maximizar a confiabilidade e reduzir os custos do ciclo de vida
- ◆ Projetar sistemas redundantes que melhorem a efetividade em condições de incerteza
- ◆ Criar sistemas que se deterioreem lentamente
- ◆ Manter conhecimentos básicos para reduzir a oportunidade de surpresa
- ◆ Reduzir as demandas logísticas
- ◆ Antever as contramedidas do inimigo
- ◆ Garantir a interoperacionalidade
- ◆ Considerar as implicações de escala e organizacionais

Está claro que os comandantes e Unidades do Exército devem estar preparados para combater e vencer contra atores estatais e não estatais. Em função do que alguns chamam de *democratização do poder destrutivo*, atores não estatais, como o Estado Islâmico (EI) do Iraque e da Síria e o Hezbollah possuem capacidades antes associadas apenas às Forças em campanha de Estados-nação. Por exemplo, organizações não estatais contam com recursos financeiros e um acesso a armas sofisticadas sem precedentes. Além disso, Estados-nação como a Rússia e o Irã empregam tropas aliadas, ou “por procuração”, não convencionais, muitas vezes em conjunto com suas próprias Forças de operações especiais ou convencionais. Conforme observou o historiador Conrad Crane, há duas maneiras de combater as Forças Armadas dos EUA: de maneira assimétrica ou tola²⁴. Os futuros inimigos não serão passivos. Farão todos os esforços para evitar os pontos fortes norte-americanos, tentar igualar suas capacidades avançadas e abalar suas vantagens. Estenderão as operações para outros campos de batalha, como os da percepção, subversão política e criminalidade.

O *Army Operating Concept* reconhece a contínua interação com inimigos em guerra e a interação com adversários entre guerras. Essa interação requer que o Exército seja uma organização que aprende. Ao enfrentarem inimigos resolutos, os comandantes do Exército “pensam

à frente, para obter e manter posições de relativa vantagem sobre o inimigo”. Para derrotar inimigos ardilosos e capazes, as tropas do Exército desenvolvem o entendimento situacional por meio de ações em contato próximo com eles e com as populações civis. Em contrapartida a “operações decisivas rápidas”, as tropas do Exército são capazes de manter um ritmo acelerado de operações ao mesmo tempo que obtêm, conservam e exploram a iniciativa e geram “resultados duradouros no período mais curto”²⁵. As Forças do Exército do futuro ampliam o “conceito de armas combinadas de dois ou mais armas ou elementos de uma Força Singular, passando a incluir a aplicação de capacidades conjuntas, interorganizacionais e multinacionais na condução de operações de armas combinadas e conjuntas”²⁶.

Tecnologia

O diferencial do Exército dos EUA em relação a seus inimigos advém, em parte, da integração de tecnologias avançadas com militares capacitados e equipes bem treinadas.

—*The U.S. Army Operating Concept*²⁷

A ciência e a tecnologia continuarão a influenciar o caráter da guerra. Ainda que as vantagens do Exército dos EUA sobre seus potenciais inimigos continuem a depender, em grande medida, de tecnologias avan-

çadas, vencer em um mundo complexo requer combinações efetivas de liderança, militares capacitados, Unidades bem treinadas e tecnologia. Não existe uma “solução milagrosa” tecnológica. O Exército precisa integrar novas capacidades tecnológicas com mudanças complementares na doutrina, organização, instrução, desenvolvimento de liderança, efetivos e outros elementos da efetividade em combate²⁸. O desenvolvimento tecnológico do Exército enfatiza a necessidade de que



(Marinha dos EUA, 3º Sgt Carlos M. Vazquez)

O contratorpedeiro *USS Arleigh Burke* lança mísseis de cruzeiro *Tomahawk* contra alvos do Estado Islâmico, 23 Set 14.

Missões e Contribuições do Exército dos EUA às Operações Conjuntas

A Revisão Quadrienal de Defesa de 2014 identificou 11 missões contínuas das Forças Armadas em que o Exército dos EUA desempenha um papel significativo:

- ◆ Prover a defesa militar do país
- ◆ Derrotar adversários
- ◆ Prover uma presença global estabilizadora
- ◆ Combater o terrorismo
- ◆ Neutralizar armas de destruição em massa
- ◆ Negar os objetivos de um adversário
- ◆ Responder a crises e conduzir operações de contingência limitadas
- ◆ Conduzir o engajamento militar e a cooperação em segurança
- ◆ Conduzir operações de estabilização e contrainsurgência
- ◆ Prover apoio às autoridades civis
- ◆ Conduzir ações de assistência humanitária e de resposta a desastres

todas as formações possuam a combinação adequada de mobilidade, proteção e letalidade. Além disso, o Exército dos EUA coloca os militares no centro desse esforço, buscando “avanços nas ciências humanas para o desenvolvimento cognitivo, social e físico”, enquanto ajusta armas e máquinas aos militares e Unidades, e não o inverso²⁹.

Missões

Portanto, a complexidade dos futuros conflitos armados exigirá Forças Armadas capazes de conduzir missões em âmbito nacional ou em terras estrangeiras, incluindo o apoio de defesa a autoridades civis, a assistência humanitária e socorro em desastres em âmbito internacional, atividades de cooperação em segurança, resposta a crises ou operações de larga escala.

—*The U.S. Army Operating Concept*³⁰

O Exército não é uma Força ultraespecializada. Seus militares e Unidades devem ser preparados para uma ampla gama de atividades. A Revisão Quadrienal de Defesa de 2014 identificou 11 áreas da missão em que o Exército dos EUA desempenha um papel significativo. As tropas do Exército devem ser preparadas para conduzir operações com sucesso no contexto das futuras capacidades e tecnologias do inimigo. As missões muitas vezes se justapõem, impondo demandas diversas e simultâneas à Força

conjunta. Em futuras crises, é provável que as demandas impostas a todos os componentes do Exército aumentem, à medida que ameaças no exterior gerem ameaças simultâneas em âmbito nacional.

Para moldar ambientes de segurança e preparar-se para uma ampla gama de missões, as “Forças convencionais e de operações especiais do Exército contribuem para uma rede terrestre global de relacionamentos, resultando em alertas antecipados, soluções locais e campanhas bem fundamentadas”³¹. As atividades de cooperação em segurança no teatro de operações das Forças regionalmente alinhadas do Exército dos EUA, assim como as capacidades fundamentais que suas tropas propiciam à Força conjunta estabelecem “condições favoráveis para o emprego de forças, caso a diplomacia e a dissuasão falhem”³². Os futuros inimigos buscarão negar acesso à Força Conjunta e, por isso, as futuras tropas do Exército devem estar preparadas para conduzir manobras expedicionárias, o “rápido emprego de Forças de armas combinadas organizadas por tarefa, aptas a efetuar transições rapidamente e a conduzir operações de suficiente escala e ampla duração, para cumprir os objetivos estratégicos”³³. Formações ar-terra altamente móveis das armas combinadas combaterão em áreas mais amplas, operando de maneira dispersa ao mesmo tempo que mantêm apoio mútuo e a capacidade de rápida concentração.

Os Desafios de Combate do Exército

Os Desafios de Combate do Exército fornecem um marco analítico para integrar esforços em todas as funções de combate durante a colaboração com importantes partes interessadas em atividades de aprendizagem, modernização e concepção da Força do futuro.

TRADOC Publication 525-3-1, The U.S. Army Operating Concept: Winning in a Complex World

O engajamento regional e a capacidade do Exército para conduzir manobras expedicionárias e operações de armas combinadas e conjuntas são essenciais para demonstrar a determinação dos EUA, dissuadir adversários e encorajar aliados e parceiros.

História e Lições Aprendidas

Sir Michael Howard advertiu que o objetivo de estudar a história não é nos tornarmos “mais sagazes para a próxima vez”, e sim para que nos tornemos “sábios para sempre”³⁴. De igual modo, observou Clausewitz, o estudo da guerra e do combate “destina-se a educar a mente do futuro comandante ou, mais exatamente, orientá-lo em seu autoestudo, e não acompanhá-lo até o campo de batalha; da mesma forma que um professor sábio orienta e estimula o desenvolvimento intelectual de um jovem, tendo o cuidado de não guiá-lo pela mão pelo resto de sua vida”³⁵. Em suma, a história pode ajudar os comandantes a fazerem as perguntas certas, mas eles precisam considerar o contexto único e as realidades locais de um conflito particular para formular respostas. Entretanto, a história, com efeito, amplia muitas das lições reaprendidas em conflitos recentes e em curso.

Sobre a necessidade de consolidar ganhos ou integrar esforços de diferentes parceiros, por exemplo, o então Secretário de Guerra Elihu Root, fundador do Army War College, comentou, em 1901, a “ampla gama de responsabilidades sendo atribuídas a oficiais, encarregados do governo civil de territórios ocupados; as relações delicadas que surgem constantemente entre as autoridades militar e civil”. Para lidar com a complexidade da guerra no início do século XX, Root ressaltou a “necessidade evidente de que o militar, mais que todos os outros, conheça a história”³⁶.

Nosso Exército busca, com entusiasmo, lições de operações recentes e em curso, mas tem, muitas vezes, dificuldade em aplicá-las. É por essa razão que o *Army*

Operating Concept (Appendix B) estabelece um marco para a aprendizagem que gira em torno das 20 capacidades de primeira ordem que o Exército deve possuir para vencer em um mundo complexo. Lições de conflitos armados recentes, como a necessidade de colocar a política no centro da assistência a Forças de segurança, a crescente importância de verbas para o combate de ameaças, as maiores interseções entre operações militares e de segurança pública ou o caráter fundamental de capacidades de potência de fogo móvel protegida e de armas combinadas nas operações urbanas, hoje podem servir de base a soluções interinas para desafios de combate³⁷.

Como Definir o Exército do Futuro: a Força 2025 e Além

Conforme observaram os historiadores Williamson Murray e MacGregor Knox em seu original livro sobre a inovação militar, as Forças Armadas que conseguiram preparar-se para as demandas da guerra do futuro levaram o ensino profissional militar a sério. Cultivaram em seus comandantes a capacidade de pensar claramente sobre a guerra, considerando continuidades e mudanças.

“As instituições militares que conseguiram inovar entre 1919 e 1940, sem exceção, examinaram eventos militares recentes de maneira minuciosa, abrangente e realista. A análise do passado foi a base das inovações de sucesso. A principal técnica de inovação consistiu em experiências e exercícios abertos, que testaram os sistemas até falharem, em vez de buscarem a validação de esperanças ou teorias. A simples franqueza e o livre fluxo de ideias entre superiores e subordinados — componentes-chave de todas as culturas militares de sucesso — foram de central importância para a capacidade de aprender com a experiência. E o objetivo predominante das experiências e exercícios foi aumentar a efetividade das Unidades e da Força Singular como um todo, e não culpar os comandantes que haviam, supostamente, falhado”³⁸.

O Exército dos EUA está inovando com o programa *Force 2025 Maneuvers* (“Manobras da Força 2025”), “as atividades físicas (experimentação, avaliações, exercícios, modelagem, simulações e jogos de guerra) e intelectuais (estudos, análise, conceito e desenvolvimento de capacidades) que ajudarão os comandantes a integrar futuras capacidades e desenvolver soluções interinas para desafios de combate”³⁹. Uma inovação efetiva exigirá uma colaboração focalizada e contínua entre profissionais do Exército comprometidos em ler,

pensar e aprender sobre o problema dos futuros conflitos armados e determinar que capacidades o Exército dos EUA e a Força Conjunta precisarão desenvolver para vencer em um mundo complexo. ■

O autor agradece a todos os que, generosamente, revisaram e contribuíram com suas sugestões a este artigo — em particular, Nadia Schadlow, Ph.D., da Smith Richardson Foundation, e John Wiseman, do Army Capabilities Integration Center.

O Gen Div H. R. McMaster, do Exército dos EUA, é o Subcomandante do Futures Center, do Comando de Instrução e Doutrina do Exército dos EUA (TRADOC), e Diretor do Centro de Integração de Capacidades do Exército dos EUA (ARCIC). Serviu, anteriormente, como Comandante do Maneuver Center of Excellence e Forte Benning e Comandante da Combined Joint Inter-Agency Task Force Shafafiyat em Cabul, no Afeganistão. Possui o Ph.D. em História Militar pela University of North Carolina at Chapel Hill. McMaster serviu como pesquisador do U.S. Army War College na Hoover Institution on War, Revolution, and Peace, e como pesquisador-assessor sênior no International Institute of Strategic Studies, em Londres.

Referências

Epígrafe U.S. Army Training and Doctrine Command (TRADOC) Pamphlet (TP) 525-3-1, *The U.S. Army Operating Concept: Win in a Complex World* (Fort Eustis, VA: TRADOC, 2014), p. 8.

1. Carl von Clausewitz, *On War*, ed. and trans. by Michael Howard and Peter Paret (Princeton: Princeton University Press, 1989), p. 30. [Os trechos da obra *Da Guerra* foram extraídos da tradução do inglês para o português do CMG (RRm) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, a partir da versão em inglês de MICHAEL HOWARD e PETER PARET. — N. do T.]

2. TP 525-3-1, p. 10.

3. Frederick W. Kagan, *Finding the Target: The Transformation of American Military Policy* (New York: Encounter Books, 2006), p. 57-73, p. 144-175; veja também H.R. McMaster, “Crack in the Foundation: Defense Transformation and the Underlying Assumption of Dominant Knowledge in Future War”, *Student Issues Paper*, Center for Strategic Leadership, U.S. Army War College, November 2003, Vol. S09-03, p. 12-32.

4. TP 525-3-1, p. 16.

5. Ibid., p. 19.

6. Ibid.

7. Thucydides, *The Landmark Thucydides: A Comprehensive Guide to the Peloponnesian War*, ed. Robert B. Strassler (New York: Free Press, 1996), p. 43.

8. TP 525-3-1, p. 9.

9. Ibid., p. 21.

10. Ibid.

11. Ibid., p. 22.

12. Ibid., p. 17.

13. Ibid., 33.

14. Williamson Murray, “Thinking About Innovation”, *Naval College Review* 54(2)(Spring 2001): p. 122-123.

15. William A. Owens, “Introduction”, ed. Stuart E. Johnson e Martin C. Libicki, *Dominant Battlespace Knowledge*, (Washington, D.C.: National Defense University Press, 1996), p. 4; veja também H.R. McMaster, “Crack in the Foundation”, p. 1; e Janine Davidson, *Lifting the Fog of Peace: How Americans Learned to Fight Modern War* (Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2010).

16. TP 525-7-1, *The United States Army Concept Capability Plan for Unit Protection for the Future Modular Force, 2012-2024*, Version 1.0 (Fort Eustis, VA: TRADOC, 28 February 2007), p. 4.

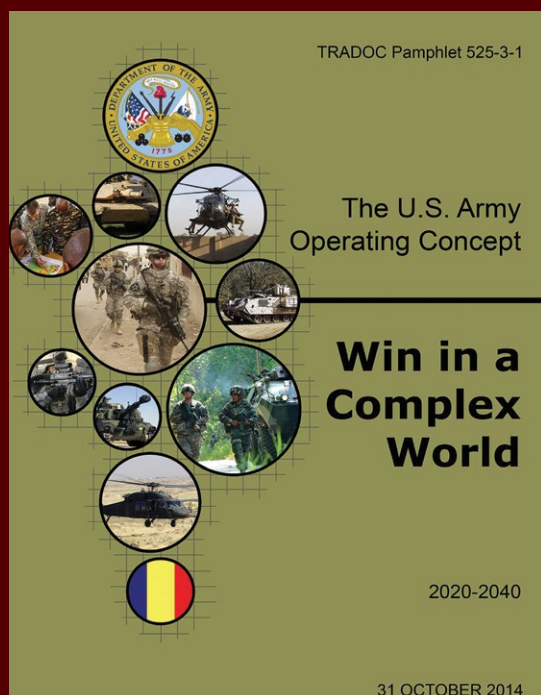
17. Tom C. Schelling, *Arms and Influence* (New Haven, CT: Yale University Press, October 2008), p. 2-7.

18. Mark Boal, *Zero Dark Thirty*, Sony Pictures, 2012. O filme descreve uma incursão que resultou na morte do líder da Al Qaeda, Osama bin Laden, em maio de 2011.

19. TP 525-3-1, p. 19 e p. 46. Competências centrais são aquelas contribuições indispensáveis em termos de capacidades além das que as demais Forças Singulares e organizações de Defesa fornecem e que são fundamentais para a habilidade do Exército em manobrar e proteger áreas terrestres para a nação.

20. George Washington, George Washington to the United States Senate and House of Representatives, 8 January 1790, National Archives Founders Online, <http://founders.archives.gov/documents/Washington/05-04-02-0361> (acesso em 23 jan. 2015).

21. TP 525-3-1, p. 8.
22. Michael Howard, "The Use and Abuse of Military History", in Michael Howard, *The Causes of Wars*, 2nd Edition (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983), p. 188.
23. TP 525-3-1, p. 10.
24. Conrad C. Crane, "The Lure of the Strike", *Parameters* 43(2) (Summer 2013): 5, http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pubs/parameters/issues/Summer_2013/1_Crane_SpecialCommentary.pdf (acesso em 23 jan. 2015).
25. TP 525-3-1, p. 19.
26. Ibid., p. 18.
27. Ibid., p. 15.
28. Ibid., p. 36-41.
29. Ibid., p. 36.
30. Ibid., p. 16.
31. Ibid., p. 17.
32. Ibid.
33. Ibid.
34. Michael Howard, "The Use and Abuse of Military History", *Parameters* 11(1) (1981): p. 13, <http://strategicstudiesinstitute.army.mil/pubs/parameters/Articles/1981/1981%20Howard.pdf> (acesso em 23 jan. 2015). Reimpressão autorizada pelo Royal United Service Institute (R.U.S.I.), publicado originalmente em R.U.S.I. Journal 107 (Feb. 1962), p. 4-8.
35. Clausewitz, p. 141.
36. Elihu Root, *Five Years of the War Department, Following the War with Spain, 1899-1903*, conforme demonstrado nos relatórios anuais do Secretário de Guerra (Harvard, MA: Harvard University, 1904), p. 160. Digitalizado em julho de 2008; disponível em: https://books.google.com/books?id=TuUpAAAAYAAJ&dq=Five+Years+of+the+War+Department&source=gbs_navlinks_s (acesso em 23 jan. 2015).
37. David E. Johnson, M. Wade Markel e Brian Shannon, *The 2008 Battle for Sadr City* (Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2013); Juan C. Zarate, *Treasury's War: The Unleashing of a New Era of Financial Warfare* (New York: PublicAffairs, 2013).
38. Macgregor Knox e Williamson Murray, *The Dynamics of Military Revolution, 1300-2050* (New York: Cambridge University Press, 2001), p. 188.
39. TP 525-3-1, p. 33.



<http://www.tradoc.army.mil/tpubs/pams/TP525-3-1.pdf>

